

**Bruno Mações, *O Despertar da Eurásia; no rasto da Nova Ordem Mundial*
Lisboa, Temas e Debates, 2018, 376 pp.**

O livro de Bruno Mações, *O Despertar da Eurásia; no rasto da Nova Ordem Mundial*, (2018) integra uma literatura prolífica e quase infestante desde a queda do muro de Berlim em 1989 sobre alternativas geopolíticas. Tal tipo de literatura de matriz norte-americana, tem exemplos pomposos como *The end of history* de Francis Fukuyama e *The clash of civilizations* de Samuel Huntington ou exemplos mais modestos como *The world is flat*, de Charles Kupchan, e *The Pentagon's new map*, de Thomas P.M. Barnett de que se aproxima esta obra. Esta geopolítica norte-americana tem um certo grau de realismo colhida em discípulos longínquos de Maquiavel e Hobbes, “Filhos das trevas” que se opõem aos “Filhos da luz”, conforme a classificação de Reinhold Niebuhr, um dos principais inspiradores políticos de presidentes dos EUA como Reagan, Carter e Obama; e, precisamente por isso, falha em encontrar as raízes espirituais da realidade política.

A “jangada de pedra” chamada Eurásia que Mações apresenta no seu livro é a massa terrestre de 54.760.000 km², de Lisboa a Vladivostok para a qual utiliza vários conceitos, concentrando-se em explorar a área central que toca a Rússia, Turquia, e países do Mar Cáspio e China.

A Parte I é uma descrição das divisões entre a Ásia e a Europa que o autor argumenta que tem construções desatualizadas em contraste com os desenvolvimentos globais e a ordem mundial. Apresenta os principais parceiros do poder político e económico e defende que, para a União Europeia não ficar para trás, precisa dar mais atenção aos investimentos em países asiáticos. É um prazer ler alguém que sabe

explicar os meandros do normativismo europeu que não são fáceis, nem fáceis de explicar. Aqui, o livro vale cada uma das páginas. O autor dará um ótimo ficcionista, se um dia se dispuser a isso.

A Parte II traz o leitor à literatura de viagens, com o exotismo e uma atenção notável a pormenores do quotidiano descrevendo as experiências em regiões diversas, da Transnístria a Vladivostok. No Azerbaijão, encontramos, Grozny reconstruída a partir do *ground zero*. Atravessamos o Mar Cáspio em um navio de carga e descobrimos a cidade de Khorga entre a China e o Cazaquistão, da Iniciativa Belt and Road. Exploramos mesquitas e participamos de uma sessão prática em um clube da luta em Grozny. Estas narrativas ajudam o leitor a suprir as deficiências da análise abstrata. À narrativa o autor acrescenta fotos da sua jornada.

O livro reflete a experiência polivalente de Mações, de política e consultor, que tem publicado em órgãos como *Financial Times*, *The Guardian* e *Foreign Affairs, Politico*. Fornece informação, fornece conhecimentos; mas fornece, como dizer, sabedoria? Que acertos e que falhas metodológicas contém? E que dupla omissão de fundo revela? E porque vale a pena ler?

O que faz a força do livro –análises de situação – faz também a sua fraqueza – sínteses imaginárias. O autor teria poupado energias, a ele próprio e ao leitor, se citasse *Occidentalism*, 2004 de Ian Buruma e Avishai Margalit, que revela de que modo nações como Turquia, Rússia, Japão importaram a modernidade europeia e a converteram em modelos asiáticos. A modernidade é um processo, não é apenas um período, na fórmula clássica de S. N. Eisenstadt em *Múltiplas modernidades*. E sem esse panorama histórico, é fácil inventar futuros.

É no vazio da história que o autor injeta um futuro imaginário. Um teste de algodão deste vazio, típico da escola geopolítica norte americana, neste livro sobre a Eurásia, é a falta de referência a Alexandre o Grande, que deixou a sua marca de *Iskander* nas cidades que fundou, refundou ou renomeou nas regiões que Mações percorreu. O que para Alexandre o Grande eram literalmente os confins da terra habitada e conhecida, assinalado no nome da *Alexandria eschata*, hoje correspondente a Khujand é hoje território onde chega a Macdonald's. O que se estranha é Mações não ver que o esforço de reunir Ocidente e Oriente

no remoto século IV helenístico teve de criar uma solução espiritual à altura, como foi a promessa de concórdia (*homonoia*) proferida no banquete de Ópis. O vazio da história no livro opera no vazio espiritual.

O livro tem o condão de tocar feridas geopolíticas do mundo presente e sugerir planos de futuro mas, ao fazê-lo, deixa de fora a questão mais importante, a questão filosófica, por assim dizer: por que motivo existe futuro? Porque continuamos a construir futuros? Pode até falar de religião, ou de elogiar a maior (?) mesquita do mundo em Grozny. Mas sobre a questão crucial das humanidades da Europa, da Ásia ou da *Eurásia* só temos dele uma frase: *em um mundo desprovido do poder da religião revelada, temos de enfrentar o facto de que ninguém sabe como viver.*

A espiritualidade consiste na afirmação de que este mundo não é tudo: para o tipo de autores como Mações, *the world is flat* e a espiritualidade é apenas aquela atitude que oscila entre os extremos da ténue ideologia *woke* e os tenebrosos fundamentalistas islâmicos. Ao citar Dostoievsky uma vez, Mações deveria lembrar-se o que pensava o autor da sentença, *se Deus não existe, tudo é permitido.*

A presença apenas anedótica de Portugal no livro revela um outro problema. Seria moralismo político desejar que o autor se referisse ao império português, naquilo que Eça de Queiroz chamava o brigadearismo “Nós (Portugueses) conquistámos Goa”. O problema é ainda o vazio da história, a substituição da história vivida pelo *em busca da nova ordem mundial*, a sensação de que tudo é possível, e de que os cenários e mapas do futuro chamam por nós, fazendo tábua rasa do passado, e passando por cima do espírito presente.

As elites globais recebem muitos destes recados geopolíticos como quem considera uma ementa de restaurante. O livro, naturalmente datado por ser anterior à pandemia Covid-19, presta-se a uma promoção do plano Cintura e Rota chinesa; ou a uma aposta económica reforçada da União Europeia; ou à criação de uma nova ordem norte-americana. O problema metodológico destas análises é que o espírito é nada, o mundo é tudo e resta saber qual a “nova ordem”.

O *O Despertar da Eurásia* merece ser lido como despertar para os dramas intramundanos atuais e como testemunho glacial sobre as incertezas do tempo presente. Contudo, tem esse problema insanável de transformar uma imagem, ou miragem, em conceito. É uma obra

escrita por uma mente brilhante, mas dentro do vazio da história e do espírito, por alguém que agita num *shaker* ingredientes da realidade e nos apresenta uma fantasia que passa pelo nome de Eurásia.

MENDO CASTRO HENRIQUES

